

BREVE RELATO SOBRE A ERA DOS DESCOBRIMENTOS

João RIBEIRO JÚNIOR

Ao mesmo tempo que os homens de ciência começavam a comprovar a mecânica do universo, os segredos do próprio planeta iam-se revelando, motivados pela expansão do espírito científico experimentalista do Renascimento.

Até o século XV a maior parte dos europeus acreditavam que a Terra era um disco plano, tendo ao centro a cidade santa de Jerusalém. A África, ao sul do Saara, era praticamente ignorada, e através dos árabes, tinha-se da Índia um conhecimento sumário. Por outro lado, o veneziano Marco Polo conseguira visitar a China (Catai), donde regressara com relatos, considerados por muitos como mentirosos, sobre grandes cidades e sobre o esplendor da corte de KUBLAI KHAN.

Quando Cristovão Colombo atingiu as Antilhas, em 1492, ia já pressionado pela idéia de que, seguindo pelo ocidente, chegaria a Gatai de Marco Polo, que fez sua viagem em direção ao oriente. Esta proeza, no entanto, somente cerca de trinta anos mais tarde (1519-1522) se concretizou realmente, quando a expedição do português Fernão de Magalhães e do basco Sebastião de Elcano ao serviço de Carlos I, de Espanha, (o futuro imperador Carlos V), depois de ter ultrapassado o continente americano ao sul da Argentina, atravessa todo o oceano, a que se chamou "Pacífico", e regressa ao ponto de partida na Espanha.

Estava assim consagrado o método experimental contra o dogmatismo que dominara toda a Idade Média.

O incentivo dos Descobrimientos teve várias origens. Os europeus precisavam garantir o abastecimento das especiarias e sedas

orientais; por essa altura, contudo, a via terrestre de comunicação com o Oriente fora fechada em consequência da expansão do Império Otomano. Alguns missionários desejavam encontrar e obter o apoio dos reinos cristãos nestorianos de Preste João, que, segundo se dizia, encontravam-se na Ásia ou na África, em lugar desconhecido.

Segundo a lenda, o Prestes João morava num palácio de cristal, revestido de pedras preciosas. Seu leito era de safira: seus trajes feitos de lã de salamandra e purificados ao fogo; seus guerreiros cavalgavam dragões alados. Uma "fonte da juventude" era acessível a todos os cidadãos. O Preste João (cujo primeiro nome significa, segundo alguns, sacerdote) era o chefe dos nestorianos, uma primitiva seita cristã, e descendente de um dos três reis (magos), que visitaram Jesus-menino. Por volta de 1165, circulou na Europa, pela várias cortes, uma carta falsificada, (da qual existem cópias no Museu Britânico) supostamente escrita pelo Preste João era dirigida ao imperador bizantino Manuel I, dinastia dos Comnenos (1143-1180). Em 1177, o papa Alexandre III (1159-1181) enviou uma carta a "João, o ilustre e magnificente rei das Índias", autorizando-o a construir um santuário em Roma. Em 1221, o bispo de Acre informou Roma de que o rei Davi da Índia (provavelmente o conquistador Gengis Khan) era supostamente neto do Preste João.

No século XIV, depois do relato de Marco Polo e de Giovanni de Monte Corvino, procurou-se o Preste João na Abissínia (Etiópia). Hoje, alguns eruditos ventilaram a hipótese de que este soberano, chamado João, trata-se, na verdade, de uma alteração fonética de Zan, título real da Etiópia, cuja dinastia real, fundada em 1270, afirma ser descendente direta do rei Salomão e da rainha de Sabá.

Portugal foi o maior impulsionador, e o país que maior contributo forneceu à empresa dos Descobrimentos. Planificou-os cientificamente, pois, ao contrário do que acontecia na Espanha e outros países, não era a conquista de novos territórios que lhe interessava, mas sim o conhecimento das rotas, cosmografia e técnicas navais e de navegação, que lhe permitissem maior segurança nas viagens da sua frota mercante e na abertura de uma nova estrada marítima para o transporte de especiarias do Oriente.

Pode-se dizer que, enquanto os navegadores dos outros países procuravam descobrir terras que viessem engrandecer os domínios

dos seus reis, os portugueses estavam mais interessado na descoberta dos mares.

País que pela sua situação histórico-geográfica reunia condições excepcionais para a persecução desta empresa, Portugal desenvolveu exaustivamente os conhecimentos técnicos e científicos que de toda a parte a ele confluíam. Do Báltico veio-lhe o leme fixo, e do Mediterrâneo, a vela latina, elementos essenciais para a navegação "à bolina", que permitiria aos marinheiros aventurarem-se no alto-mar.

O tipo de barco revolucionário, capaz de uma mobilidade até à data insuspeitada - a caravela - resulta provavelmente do "garib" árabe. Também da tradição árabe ou de contatos com o Mediterrâneo muçulmano, juntamente com o contributo dos homens de ciência judeus, vieram os conhecimentos que permitiram o estabelecimento de verdadeiras equipas de investigação no sentido moderno do termo, de apoio à arte de navegar.

No entanto, cedo foram compreendidas em toda a Europa as vantagens económicas e políticas que dos Descobrimentos poderiam decorrer. Para além dos espanhóis, que atingiram neste empreendimento um lugar tão preponderante que levaram o papa Alexandre VI (1492-1503) a sancionar um tratado (Tratado de Tordesilhas), que divida o mundo em duas esferas de influência, atribuída uma à Espanha e outra a Portugal. Outros países tentaram também participar na empresa dos Descobrimentos.

João Cabot, que descobriu o Labrador, em 1497, era um veneziano à serviço da Inglaterra; Américo Vespúcio, de que a América recebeu o nome, era um florentino a soldo da Espanha; Giovanni Verrazano, que explorou a costa norte-americana, era também florentino, que trabalhou para Francisco I, da França; e Henry Hudson, que deu seu nome ao rio que banha Nova York e à baía de Hudson, não era senão um inglês navegando sob bandeira holandesa.

Mas, talvez, o maior dividendo dos Descobrimentos tivesse sido a Espanha quem o recebeu. Os espanhóis exploraram as costas do Norte e Sul da América, e enviaram expedições para o interior. Hernan Cortéz conquistou com 500 homens o México aos Aztecas, em 1521; dez anos mais tarde, Francisco Pizarro, apenas com 180 homens, conseguiu arrancar o Peru ao poderoso inca Atahualpa. A prata e o ouro do novo continente passaram para as mãos dos espanhóis.

Mas, o plano português, aquele que iria provocar uma verdadeira revolução no comércio europeu e ativar o mercado das especiarias, atingira já a sua meta. Ao sair de Lisboa em 1499 com destino a Calicute, no sudoeste da península indostânica, para chegar de regresso ao ponto de partida dois anos mais tarde, carregado de especiarias e pedras preciosas, Vasco da Gama acabou de destruir o monopólio veneziano e de outros portos italianos sobre o comércio com o Oriente.

Junto a essa frota do Gama a de Pedro Álvares Cabral, que ao passar entre as Canárias, propositadamente se desviou do rumo habitual (uns historiadores dizem que para evitar as calmarias africanas, outros por ordem do próprio rei D. Manuel, na esperança de novos descobrimentos), e de tal modo se afastou da costa africana que alcançou terras desconhecidas, em 22 de abril de 1500.

A terra, suposta ilha, foi chamada de "Terra dos Papagaios", "Vera Cruz", e de "Santa Cruz", porém prevaleceu o nome de Brasil (*de brasil*, nome do pau vermelho como fogo, ou *de Breasail*, lendária ilha dos celtas. Sir Richard Burton, notável viajante, que foi cônsul em Santos em 1865, em um artigo sobre o assunto, diz ser *Hy-Brazile* uma referência à costa de Galway, na Irlanda, que na Idade Média era tida como uma terra encantada). O grande mestre João Ribeiro, em sua **Seleção Clássica** explica que "o vocábulo brasil, designação de um pau que deu nome à nossa Pátria, não se origina do grego, e sim do germânico bras (fogo); que o nome *brasil* surgiu provavelmente na Europa no século VIII, traduzindo o nome árabe *bakkam*, corruptela de *bha-khaan* (o que é vermelho, cousa da cor do fogo) foi que pela primeira vez escrito no século XI, em documentos espanhóis e flamengos, e registrado, no século XII, na baixa latimidade; que, em Portugal, aparece a palavra brasil escrita nos mais antigos documentos da língua, quais sejam os primeiros romances, as primeiras legislações e as primeiras descrições".

Em suma, os Descobrimentos, impulsionados simultaneamente pelo desejo de glória e pela cobiça do ouro, personificaram o que constituiu a maior novidade do Renascimento, essa época de individualismo desmedido (aspecto que se lhe reconhece uma nota agressivamente moderna): a determinação de conquistar fama pessoal e de desvendar o desconhecido.